

Carlos Bernardo Loureiro



**A Dor,
a Luta *e*
o Recomeço**

**A medicina espiritual
e a lei de causa e efeito**



MENTE ABERTA

A Dor, A Luta e o Recomeço



Foto do pesquisador
Carlos Bernardo Loureiro

Sumário

Apresentação	2
I	3
II	4
III	6
IV	8
V	15
VI	22
VII	23
VIII	26
IX	31
X	35
XI	37
Leitura que Recomendamos	40

Apresentação

Abro estes arrazoados sobre a Dor, a Luta, e o Recomeço com a doce e comovedora história da menina Shanti, que apenas viveu neste plano de provas e expiações por seis meses. A sua morada, além do ventre materno, foi a UTI do Hospital Aliança, da Cidade do Salvador, Bahia.

Nunca esquecerei aquele serzinho esquelético que, entre fios e tubos, lutou para sobreviver. Os seus olhinhos, encravados na face macilenta, exprimiam estranhos e enigmáticos anseios. Seus pais sofriam, e quanto!, em vê-la enfrentando, ela apenas, a inexorável dissolução de seu corpinho frágil. Tentava ultrapassar os limites daquele olhar, procurando penetrar-lhe o íntimo d'alma, alma heróica e magnificamente estóica, que legava a todos admirável serenidade ante a dor e o sofrimento. Dir-se-ia que, em certos momentos, ela consolava os pais, que se sentiam impotentes diante do estado crítico da filha amada. Mas, a verdade é que jamais pude

vislumbrar quaisquer laivos de dor e sofrimento naquela criaturinha estranha. Não que aquele Espírito fosse completamente indiferente e insensível à sua situação, em absoluto!

Certo dia, vi uma lágrima escorrer sobre a face da pequena Shanti. À luz difusa do ambiente, aquela gota d'água refulgiu com incrível intensidade. Shanti, muda e quieta, estava se despedindo daqueles que lhe deram, ainda que fugazmente, a oportunidade de existir por seis meses. E que existência, moralmente longa e singularmente fecunda!

Shanti se tornou eterna em meu coração. Espero revê-la, quem sabe? preso n'algum leitozinho de qualquer UTI, olhando-a com a expressão de quem aprendeu que a Vida, por mais curta que possa parecer, é a sublime e eterna manifestação do Espírito!

|

Ao longo de trinta anos de militância espírita, convivi, intensamente, com a MORTE E O MORRER, não de uma forma absurdamente mórbida, mas em nível de profícuo aprendizado. Trabalhei (e continuo trabalhando) com os mortos e os vivos não apenas nas sessões de desobsessão, mas nos diversos hospitais e clínicas da cidade do Salvador, onde sou habituê de suas unidades de tratamento intensivo (UTI). Tantas e quantas vezes vi-me, frente a frente, com pessoas, jovens e velhas, às portas da morte, algumas perfeitamente lúcidas, aspirando levantar-se do seu leito de dor e reiniciar o curso da vida interrompido pela enfermidade. Olhavam-se, essas sofridas criaturas, como se eu ali estivesse para lhes restituir, evidentemente, num passe de mágica, a saúde perdida. Nada lhes podia garantir. Entretanto, com a assistência de abnegados Espíritos, podia, sim, transmitir-lhes fluidos tranqüilizantes, ao tempo em que tentava, com muita cautela (para não ferir

susceptibilidades religiosas e filosóficas) demonstrar-lhes a razão de ser da vida, segundo os ordenamentos cristãos, fundamentos essenciais da Doutrina Espírita.

Sentia, não raras vezes, que as minhas palavras surtiam algum efeito apaziguador, tendo em vista o tumulto de dúvidas e medos que vigia no íntimo daquelas almas presas do desespero, na iminência de irreversível desencarnação.

Desafiando as disposições hospitalares em contrário, orávamos, juntos, paciente e familiares. Às vezes, no andamento da oração, o enfermo se desprendia, definitivamente, de seu corpo doente. Era e continua sendo comum observar o processo de desprendimento do Ser - é algo quase palpável, visível, elevando-se dos despojos carnis em busca da liberdade, embora conscientemente não admitida.

Certa feita, vi um Espírito desprender-se de seu corpo devastado por ferocíssima enfermidade: não vislumbrei apenas, o “cordão fluídico” mas uma infinidade de fios entre os dois corpos, como se fosse (permitam-me a comparação) “visgo de jaca”... Um a um desses tênues cordões foram se dissolvendo (e não se rompendo), inclusive o coronariano, e o desenlace aconteceu. Deve-se observar que, em nível ético, cada caso é um caso, embora os processos a que tive ensejo de assistir, guardem certa similitudes em seus aspectos operacionais.

||

Houve vezes, muitas vezes em que os pacientes se mostravam refratários à assistência espiritual. Alguém da família do doente convidava-me para levar, em nome de Jesus, qualquer alívio e/ou esclarecimento àquele que se encontrava às portas da morte, prestes, pois,

a (re)ingressar na esfera específica do Espírito. Ia de bom grado, sozinho ou com a equipe do Teatro Espírita Leopoldo Machado - TELMA, ao encontro não exatamente da morte, mas do (re)nascimento (*delivrance*) do Ser Eterno para o plano incorpóreo.

Não me importava quando o paciente se mostrava hostil. Pedia permissão aos familiares presentes, abria “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, e lia, em voz alta e pausada. Normalmente, o tema era providencial, ajustando-se, como uma luva, ao caso com que deparava. A “coincidência”, quase sempre, sensibilizava a família e o próprio paciente. Nessas circunstâncias, o trabalho de passe transcorria em clima de harmonia e aproveitamento.

Diante desse e de outros quadros, estou convicto do quanto a maioria das pessoas, peio menos aqui na velha terra de Teles de Menezes, ignora a eficácia dos Evangelhos, quando interpretados não ao pé da letra, mas conforme os princípios da Imortalidade e da Reencamação, que têm como alicerce a Lei de Causa e Efeito.

Perguntavam-me (e perguntam) os pacientes e os familiares, o porquê dos sofrimentos, das dores, das aflições. É claro que jamais tentei passar uma imagem de guru ou algo que o valha; incluo-me no processo existencial a que todos, sem exceção, neste plano de provas e expiações, se encontram jungidos. Afinal de contas, e para lembrar Benedetto Croce, o grande filósofo italiano da modernidade, “O espelho d’água que reflete a paisagem, faz parte da paisagem... “Os reverses por que passamos, esclareço, são frutos dos atos que praticamos ao longo das nossas existências, tanto no plano corpóreo como no plano incorpóreo. Não foi sem razão que Jesus, o Mestre do Espírito, enunciou a lapidar sentença: “A cada um segundo as suas obras”. E, adiante, estabelece a perfeita

proporção entre o ato e a sua repercussão: “A ninguém será dado um fardo maior que as suas próprias forças”. Isso quer dizer, continuo a elucidar, que o sofrimento não fica ao sabor do acaso ou simplesmente ao arbítrio da boa ou má sorte do indivíduo.

III

Não há efeito sem causa. Entretanto, a dor é uma lei de equilíbrio e educação. “Sem dúvida”, explica Léon Denis, “o sofrimento, sendo partilha de todos, deve ser considerado como necessidade de ordem geral, como agente de desenvolvimento e progresso. Todos os seres têm de, por sua vez, passar por ele. Sua ação é benfazeja para quem sabe compreendê-lo”.

Está certo o notável filósofo francês: nem todas as inúmeras pessoas presas ao leito de dor compreendem-na. Ouvi, não rara vezes, blasfêmias temíveis dirigidas especialmente a Deus. Consideravam-no um tirano, dono absoluto do destino humano; impiedoso monarca do Universo, que deixava morrer, nas vascas da dor suprema, por exemplo, uma criancinha de três anos. Esta criança, chamada Lili, sofria de leucemia. Todos os recursos foram esgotados pela medicina terrena. Não recorreram, os pais, ainda que desolados, à medicina extraterrena ou à espiritual. Tinham-na à conta de superstição, e coisas assim, conquanto, no íntimo, esperassem um milagre, que não veio...

O corpo da menininha se esvaía a olhos vistos. Tudo parecia caminhar para a dissolução absoluta. Um dos parentes, amigo de longas datas, pediu-me para visitar a pequena enferma. Reuni uma equipe de dedicados servidores do Cristo, trabalhadores do TELMA, e fomos, não tentar salvar a criança das garras aduncas da morte, não temos condições tamanhas. Movia-nos, a todos, o sentimento de solidariedade para com a

paciente e para com os seus amorosos e angustiados pais. Poucos dias depois daquele mais um memorável encontro com a dor, a menina desencarnou nos braços fortes de sua mãe, aparentemente tranqüila. Os pais, muito embora convivessem com o drama da filha por longo espaço de tempo, não resistiram ao desespero, ao inconformismo, à prostração absoluta.

Levaram-me, mais uma vez, à sua presença. Julguei, sinceramente (porque já aconteceu antes), que não me queriam ver. Ledo e alvissareiro engano! Queriam, sim, e muito! E estavam cheios de perguntas! Lembrei-me do mestre Léon Denis, quando escreveu um dos seus livros: “O Espírito humano, cansado das teorias e dos sistemas, perante toda afirmação nova, reclama provas”. E ambos queriam provas, provas da existência da alma e da sua sobrevivência, princípios que lhes tinha exposto, mesmo que levemente, quando Lili estava presa ao seu leito de dor... Não é fácil evidenciar tais e luminosos princípios a quem jamais os admitiu, porque, em verdade, não fazem parte de nossa cultura, tão pródiga de contraditórios valores. De qualquer modo, discorri sobre a Doutrina dos Espíritos, usando de palavreado simples e entendível, a despeito da profundidade científica e filosófica de seus postulados. Expliquei, preliminarmente, que o morrer, virtualmente, não esgota a existência. O ser espiritual sobrevive à falência do corpo físico, projetando-se na dimensão imponderável com o seu perispírito.

Eles me perguntaram o que era perispírito. E respondi-lhes que era o revestimento da alma. A ele cabe manter o agrupamento da força orgânica das moléculas que, em número infinito, constituem o nosso corpo. Conserva a individualidade psíquica e intelectual a despeito da renovação molecular. E, finalmente, estabelece relação entre o físico e o moral. Eles quiseram saber o que significa “estabelecer relação entre o

físico e o moral”. Com a palavra físico, tentei esclarecer, poderia falar de tudo que nos rodeia: as coisas, os objetos, o mundo, a natureza, etc. O moral é o homem como entidade racional, motivo por que o perispírito é o órgão através de cuja medição se apreende o conhecimento da base das sensações. O materialismo, acrescentei, desconhece o perispírito, mas só por ele se explica a economia do Ser Integral. Além disso, sem perispírito não haveria encarnação de Espíritos, nem percepção sensorial das coisas. Disse-lhes, finalmente, que é um assunto extenso e profundo que demanda tempo e pesquisa para ser devidamente conhecido.

A Doutrina Espírita, concluí, é uma nova interpretação do destino espiritual do Ser, relacionado com o processo social e histórico da Humanidade. Os pais de Lili mal disfarçavam o interesse que lhes despertaram as minhas palavras, que eles sentiam plenas de sinceridade e isentas de proselitismo. E assim realmente era: queria, do fundo d’alma, levá-los a entender que a sua filhinha continuava a existir na dimensão espiritual. A concepção do nada, fundamento do existencialismo ateu, era apenas uma ilusão, uma fantasia cujo manto diáfano cobre a nudez da verdade... Ambos se converteram às idéias espiritistas e integram operoso grupo de dedicados médiuns-passistas que, além de ministrar abençoada e regeneradora energia, pregam a Doutrina codificada por Allan Kardec, a despeito da incompreensão de parentes e amigos que julgavam que a morte da filha os teria levado à loucura.

IV

Paralelamente ao caso da pequena Lili, contactamos, a convite de parentes, com o que estava acontecendo com um jovem do interior do Estado da Bahia. Ele estava internado em um grande hospital da cidade do Salvador-Bahia, sofrendo de estranha e não identificada doença, que

lhe paralisava o corpo da cintura para baixo. Os diagnósticos, a despeito dos rigorosos exames a que o paciente se submeteu, se multiplicavam contraditórios. Não se chegava à etiologia da doença.

Um dos médicos da equipe, que freqüentava o Teatro Espírita Leopoldo Machado, percebera, há algum tempo, que o problema do jovem S. era de origem obsessiva. Consultou a família sobre a possibilidade de se levar a efeito um trabalho de desobsessão. Depois de marchas e contramarchas, resolveram convocar-me à luta pela integridade física do paciente. E lá estava eu, à beira do leito do jovem S., já na UTI, face a mais um desafio. Levei uma equipe de médiuns, treinados na difícil e abençoada tarefa de atrair obsessores (assim como o fazia o próprio Kardec e os grupos espíritas franceses, belgas e espanhóis de sua época) que se atormentam e atormentam as suas presas. Levamos mais de duas horas no trabalho de desobsessão, protegidos por dois biombos, não tão longe dos olhares atônitos e incrédulos dos intensivistas de plantão, que tinham ordem superiores de não interferirem.

Os Espíritos obsessores comunicavam-se raivosos, odientos, através dos médiuns, que tudo faziam para obstacular o tresvario dos invisíveis... Dois dias depois da desobsessão, o jovem S. teve alta da UTI, sendo transferido para um apartamento, numa das alas do imenso hospital. Pouco tempo transcorrido, e o paciente retomava à sua terra natal, completamente restabelecido, andando, como se nada tivesse acontecido.

Um outro médico da equipe que assistira o jovem S. procurou-me, intrigado: queria saber o que, na realidade, aconteceu. Não era um descrente; mas, não sabia o que levara S. àquele estado de paralisia, e

muito menos entendera o que efetivamente o livrara de uma situação que, sob o ponto de vista médico, parecia irreversível. Ele jamais ouvira falar em processo obsessivo. Expliquei ao curioso facultativo, que o seu fator determinante é a atuação direta ou indireta exercida pelo Espírito encarnado ou desencarnado sobre o desafeto(a) ou não¹. A técnica comumente adotada nos trabalhos de desobsessão é a da persuasão, isto é, tenta-se afastar o obsessor mediante sistemática doutrinação. Essa metodologia é aplicável a certos casos, devendo-se esclarecer que se não houver conscientização do indivíduo sobre o que lhe realmente aconteceu, levando-o à renovação moral, o efeito persuasivo será temporário. Jesus, disse-lhe, trata do assunto, com rara propriedade, nos Evangelhos:

“Quando o Espírito perverso tiver saído do homem (desobsessão), anda por lugares áridos, procurando repouso, e não o achando diz: “voltarei para minha casa donde saí”. Achando-a livre e desimpedida (isto é, sem proteção) entra, trazendo consigo mais sete Espíritos piores do que ele, e ali habitam. O último estado daquele homem fica pior do que o primeiro”.

A advertência de Jesus, acrescentei, é freqüentemente exemplificada, pelo menos no TELMA. Sempre chamo a atenção dos

¹ Ressalva: há processos obsessivos, tratados no TELMA, provocados por desencarnados que, em vida, amaram os que então assediam. Dentre outros, destaco o caso de um avô que, assediando sua jovem neta, causava-lhe sérias perturbações.

É o que se permite chamar de “obsessão branca”, culposa, sem dolo, isto é, sem a costumeira e deliberada intenção de prejudicar, de levar à loucura ou à morte.

assistidos² quanto a não abandonarem o tratamento desobsessional, apenas porque já se sentem aliviados da pressão exercida pelo(s) obsessor(es). Ele tão somente se afastou, esperando a oportunidade de retomar ao insidioso assédio. Em tais casos, o último estado do assistido fica pior do que o primeiro. A reação do(s) obsessor(es) é, muitas vezes, violenta, impiedosa. Já registrei casos de reincidência obsessional que levaram o assistido ao sanatório psiquiátrico, completamente treloucado. Em situações que tais, recomeça-se todo o trabalho de assistência, a distância, tanto de encarnado como do desencarnado, porque ambos, aparentemente, vítima e algoz, precisam de efetiva e afetiva ajuda. Os resultados têm sido animadores, a tal ponto que muitos ex-obsessores, (assim como ex-obsidiados de que o movimento espírita é pródigo) com a permissão da equipe espiritual, passam a integrar o corpo assistencial do TELMA exercendo misteres menores, é verdade, iniciando-se na difícil tarefa de soerguimento moral. A falange atual desses Espíritos é imensa; levando-se em conta os meus mais de trinta anos entre os mortos, conheço-os na medida do possível, e com eles venho aprendendo a respeitar as leis morais. O Dr. C. que jamais ouvira falar em obsessão, conforme revelei linhas atrás, confessou-se bastante impressionado com as breves elucidações sobre o momentoso assunto. Pretendia conhecer, mais de perto e em profundidade, os aspectos eminentes do processo obsessivo, embora a sua área específica fosse (e continua sendo) a cardiologia. Passou, então, a integrar as reuniões de estudos realizados no TELMA, às terças-feiras, a partir da 20 horas, além de observar os trabalhos de desobsessão realizados durante a semana.

As reuniões do grupo de estudo se dividem em duas partes: a

² Assistido: denominação que utilizo para designar aos que batem à porta da Instituição em busca de socorro espiritual.

primeira é dedicada à análise das obras básicas do Espiritismo, subsidiadas por bibliografia criteriosamente escolhida; a segunda parte destina-se à pesquisa da fenomenologia psíquica e mediúnica. No momento em que escrevo esta monografia, vêm se desenvolvendo interessantes investigações no campo da psicometria, da telepatia e da psicocinesia, com magníficos resultados, que serão, mais tarde, divulgados.

Conquanto haja resistências sobre tais procedimentos, considero o Centro Espírita um laboratório, não só na acepção literal do vocábulo (labor e oração), mas na reabilitação do ser encarnado e desencarnado, paliginesicamente comprometido com a lei de Deus. E não são só os assistidos que se enquadram nesse contexto, mas também os médiuns. Todos chegaram à Casa presas da obsessão, da mais simples à subjugação. Tratados, alguns resolvem, de modo próprio, ficar e, posteriormente, integrarem o corpo de medianeiros da Instituição. Poderia enumerar, aqui, vários desses casos que tiveram, graças ao trabalho da equipe espiritual e dos médiuns, um desfecho que para uns pode parecer surpreendente, mas que me permito considerar perfeitamente natural. Ressalto, porém, o que aconteceu com a jovem E., de doze anos, que chegou ao Centro praticamente desenganada pela ciência médica. O seu estado era deplorável: esquelética, olhos fundos, sem brilho, sem expressão, face macilenta, enfim, um molambo de gente. Logo que a vi, senti um aperto no coração. Os parentes levaram-na à casa espírita porque, na verdade, não tinham a quem mais apelar - era a última porta! O último cartucho a ser queimado! Do jeito que estava, “qualquer mato era caminho”, segunda reza o jargão popular.

Os primeiros trabalhos de atração de Espíritos revelaram um quadro desanimador - eram espécies de Espíritos dos tais referido na obra

“O Céu e o Inferno” de Kardec: terríveis, tirânicos, degradados. Provinham do candomblé ou, mais especificamente da quimbanda. Não demonstraram a mais leve noção de moral (isto é, as ações humanas enquanto ordenáveis ao bem). Agiam por instinto selvagem, irracional, Dir-se-ia tratar-se de um “processo cármico” - não era, em absoluto. Os implacáveis obsessores (talvez do nível daqueles expulsos pelo Mestre de Nazaré, sem qualquer doutrinação, porque psiquicamente inatingíveis), mostravam-se irreduzíveis em seus nefastos propósitos. Queriam, a todo custo, levar a jovem E. com eles, sem qualquer escrúpulo.

A tarefa de desobsessão, por sua vez, exigiu esforço, perseverança, fé e confiança na assistência amorosa, porém enérgica, dos mentores espirituais. Foi, como se diz, uma autêntica “luta de foice no escuro”. Ao cabo de algum tempo, os resultados benéficos da desobsessão eram visíveis: a menina começou a se alimentar, o que não acontecia há muito tempo; os desmaios, sempre freqüentes, diminuíram; a palidez cadavérica praticamente desapareceu. Enfim, a jovem E. “era outra!”.

Por seu turno, os Espíritos que atuavam sobre a pequena médium começaram a prestar atenção em minhas palavras. Falava-lhes de bom senso, de equilíbrio, de reconciliação com a Lei de Deus. Os esforços que eu fazia para ser entendido eram gigantescos, à medida em que eles lutavam para não capitular.

Mas o tempo, que é realmente “o senhor da razão”, encarregou-se de operar a mudança almejada não só pela equipe espiritual e nós outros, dirigentes e médiuns, mas, inclusive (pasmem), e virtualmente, por aqueles Espíritos que, como filhos de Deus (e não seres incriados), guardavam, no fundo d’alma, sob os escombros de fortíssimos

condicionamentos culturais, sentimentos eticamente imotivados.

No final dessa extraordinária saga desobsessional, E, (re)adquiriu o controle de suas ações, e ex-obsidiada e ex-obsessores integraram-se aos trabalhos espirituais da Casa. Ela exercitando a sua faculdade mediúnica, com os seus doze anos (assim como aconteceu, guardadas as devidas e necessárias proporções, como as meninas Fox, Baudin, Japhet, Ermance Defaux, etc); e eles, os Espíritos, agindo agora sob a criteriosa e sábia orientação dos mentores do TELMA. Todavia, o tratamento, efetivamente, não se esgotou, ele prossegue, de parte aparte, quer no exercício da abençoada tarefa mediúnica, quer na faina redentora do socorro espiritual a outras tantas ensandecidas entidades, encarnadas ou desencarnadas, que fazem do ódio e dos prazeres absurdos o “leitmotiv” de suas perfunctórias existências. Por sinal, a médium E..., que já participou, ao longo dos anos, de um sem-número de trabalhos de desobsessão, identifica-se, plenamente, com os casos de obsessão em que Espíritos pervertidos dirigem sua ação deletéria aos órgãos genitais masculino ou feminino, mediante complexa influência psíquica.

O processo, em verdade, se desenvolve de Espírito para Espírito. Não foi sem razão, pois, que Joanna de Angelis asseverou em sua obra “Estudos Espíritos”- (...) “O sexo, porém, queira-se ou não, nas suas funções importantes em relação à vida, procede do Espírito, cujo comportamento numa existência insculpe na vindoura as condições emocionais e estruturais necessárias à evolução moral”. E mais adiante adverte: “Elevado à condição de fator essencial em tudo (o sexo), é agora a razão de todos os valores, produzindo mais faixa larga de desajustados, enquanto se fez mais vulgar, mais mesquinho, mas brutalizado...”

V

Essa “faixa de desajustados” de que trata a esclarecida entidade, promove, sem embargo, os mais dolorosos e degradantes processos obsessivos. Ao longo dessas três décadas de atividades na área complexa da desobsessão, deparei com vários casos de libertino e pertinaz assédio tanto de desencarnado para encarnado, quanto entre encarnados³. Um desses casos, cumpre-me evidenciar, aconteceu quando dirigia uma sessão de desobsessão na antiga (e já extinta) Sociedade de Cultura Espírita da Bahia - SOCEBA, sediada na Baixa de Quintas, em Salvador. Numa noite de doutrinária e passes, procurou-me uma senhora, ainda jovem, que, titubeante, contou o seguinte:

Chamava-se Eleonora; fora casada com um bem-sucedido, gerente de banco, que operava em uma pequena cidade do interior baiano. Ele sentia por ela desbragadapaixão, que o deixava incontrolável, aponto de, no curso do expediente bancário, sair com o exclusivo intuito de relacionar-se sexualmente com a mulher, que se sentia, por isso, profundamente constrangida.

Ela não podia trabalhar nem manter alguém que a ajudasse nas tarefas caseiras. A qualquer momento, pela manhã ou à tarde, o marido irrompia, casa a dentro, presa de insopitável apetite sexual. Todos já sabiam o que J.... ia fazer ao ausentar-se, intempestivamente, da agência

³ É freqüente, pelo menos no TELMA, a ocorrência de tal tipo de problema, que assume proporções inimagináveis, dependendo do arroubo passional dos envolvidos. Um dos fatos geradores desse constrangimento moral é o ciúme, o velho e desregrado ciúme, que pode levar o indivíduo não apenas à obsessão, em suas multifacetadas nuances, mas ao crime, às vezes com requintes de perversidade. A crônica policial, vez em quando, divulga casos de assassinios devido às crises de ciúme que assaltam homens e mulheres, jovens e velhos.

bancária, em busca da satisfação de seus desejos sexuais. Ele era motivo de comentários chistosos de seus colegas e, até, de algumas pessoas da comunidade. Ela, ao sair à rua, sentia ser alvo de olhares maldosos e de sussurros das pessoas. A situação raiava ao absurdo! Todavia, o jovem gerente, porque engolfado em sua idéia fixa, não percebia o sofrimento que causava à esposa, transformando-a (e a ele próprio) no “prato do dia” das línguas ferinas da localidade.

Certo dia, ao chegar em casa, esbaforido, à procura da mulher, sofreu violento e fulminante enfarto. Os comentários que correram pela cidade, sobre o incidente, emprestaram ao drama daqueles dois Espíritos um quê de ridículo e de jocosidade. Mas, a viúva, sentia-se esmagada por tudo que lhe aconteceu, desde que chegou àquele fim-de-mundo, acompanhando o marido, transferido da agência central em Salvador.

Os colegas do banco providenciaram o traslado do corpo para a Capital, onde foi sepultado em meio à tristeza de amigos e parentes.

Para a jovem viúva, a vida continuava. Retoma, posteriormente, à cidadezinha onde morreu o marido, no sentido de dar andamento ao inventário, liberação de alvará para a movimentação de conta bancária, etc. Contratou os serviços de uma menina, não só para cuidar da casa, mas para lhe fazer companhia.

O tempo, inexoravelmente, passou e, com ele, mágoas e ressentimentos deixados por uma inusitada e traumatizante convivência. Restou, apenas, um suave sentimento de liberdade. Estava livre daquele obsessivo e constrangedor assédio, que a transformara em simples objeto de prazer, a tempo e a hora, ferindo fundo a sua sensibilidade e contribuindo para erradicar, do seu íntimo, o amor que sentia pelo marido.

A madrugada ia alta, quando Eleonora acordou, perdera o sono. Na semi-obscuridade do quarto (dormia, sempre, com o quebra-luz ligado) sentiu a presença de “alguém”, além da sua acompanhante, quase uma criança, que dormia ao pé da sua cama. Uma sensação de mal-estar a invadiu deixando-a com náuseas. A cabeça parecia que ia estourar. De repente, observou, assustada, que o colchão afundara como se uma pessoa, invisível, sentasse ao seu lado. O mal-estar aumentou; sentiu medo, muito medo, a ponto de chamar, aos brados, a menina, que dormia a sono solto. Esta acordou sobressaltada, sem saber o que estava acontecendo. Eleonora acendeu a luz, rapidamente, e, aos poucos, readquiriu o equilíbrio emocional, conseguindo, sem apagar a luz, conciliar o sono. Sonhou que o marido tentava possuí-la sexualmente. E, pela manhã, Eleonora acordou arrasada, e profundamente intrigada! Por mais desse tratos à bola, não conseguia encontrar explicação satisfatória para o que aconteceu na noite anterior. “Será que aconteceu mesmo, ou tudo não passou de um pesadelo?” indagava-se a jovem viúva.

As noites seguintes transcorreram sem incidentes, o que aparentemente confirmou a tese do pesadelo. Mas, numa noite, o fenômeno se repetiu, com uma estranha intensidade. Desta vez, ela acordou com alguém tocando o seu corpo. Era um toque fescenino, despidorado! Eleonora, sem entender o que ocorria, gritava tresloucada. Os vizinhos acudiram. Todos achavam que ela tivera um pesadelo, um terrível pesadelo! A proximidade da noite causava na jovem verdadeiro pânico. Passou a dormir em casa de amigos. Mesmo assim, sentia que era observada. Orava o tempo todo. Houve quem sugerisse que deveria consultar um psiquiatra. Outros recomendavam uma visita a um terreiro de candomblé - pode ser um egum! ... As sugestões partiam de todos os lados.

Eleonora, a despeito da possibilidade de reincidência do fenômeno, resolveu enfrentar a situação e voltar para casa.

Numa noite, sentiu não apenas o toque em seu corpo, mas o peso de uma pessoa que tentava, a todo custo, manter relações sexuais. Ela percebia até a respiração ofegante do intruso em seu rosto. Foi a gota d'água. No dia imediato, arrumou as malas e partiu para Salvador, onde passou a residir. Mas não adiantou mudar de endereço: o assédio continuou, com redobrada ênfase. Seguindo as orientações de uns e outros, bateu, em vão, em todas as portas, até que, por indicação de amigos, chegou à SOCEBA. O tratamento desobsessional de Eleonora transcorreu ao longo de seis meses. No início do trabalho, avisei, como sempre faço, até hoje, que haveria reação por parte do Espírito. E assim aconteceu: J..., o ex-marido, reagiu apopleticamente. Não admitia, de jeito nenhum, deixar a sua presa. Ela era dele, somente dele, e não seria de mais ninguém. E não haveria força nenhuma, no mundo, que o levasse a desistir de seu objetivo.

A médium Josefa, após a comunicação do Espírito, sentia-se prostrada, como se tivesse passado várias noites sem dormir. Na verdade, o Espírito como que sugava, à feitura de um vampiro, os fluidos vitais da médium.

Mas, os mentores a ajudavam: ela, em pouco tempo, se recuperava, plenamente. A conversa com J. era longa e cansativa. Tentava demonstrar a insensatez de sua atitude para com a ex-esposa, levando-a ao desespero, à quase loucura. Nos primeiros contatos, J. se mostrou irredutível. Mas, com o tempo, o bom senso prevaleceu. Afinal de contas, ele não era nenhum monstro, e a amava (embora desequilibradamente) com todas as fibras de sua alma, sentindo-se só e desamparado. Não entendia

exatamente o que lhe sucedeu, vendo-se, abruptamente, levado para uma situação jamais cogitada. Professava, quando encarnado, a religião católica. Não era freqüentador assíduo do templo, mas acreditava em Deus e nos santos. Mas, dava um valor excessivo às coisas materiais. Amara a vida e as suas seduções. O sexo era imprescindível, dizia, absolutamente convicto de que “fazer amor” era fundamental na existência de um homem. Não entendia a vida sem sexo, sem dinheiro, sem prestígio. As concepções pragmáticas de J. ... refletem o “modus vivendi” da maioria esmagadora das pessoas. Ao passarem para o “outro lado”, levam consigo tais e especiosos condicionamentos, e tentam, a todo transe, prosseguir vivenciando-os, o que os levam, e muita vez seus próprios entes queridos, ao sofrimento, à dor, ao desespero, à desarmonia mental.

Enquanto o processo de desobsessão se desdobrava gradual e eficazmente, a família de Eleonora insistia para que ela procurasse um psicanalista. A insistência era de tal maneira, que ela recorreu a um dos discípulos de Freud. Durante as sessões a que se submeteu, chegou-se à conclusão que todos os problemas da paciente eram devidos à necessidade de que ela, íntima e inconscientemente, sentia em perenizar a intensa atividade sexual que mantivera com o marido. Além disso, e como não estava preparada para outro relacionamento amoroso, imaginava estar sendo possuída pelo ex-marido. Esta fantasia, ao atingir o seu consciente, suscitava-lhe uma série de conflitos, levando a pensar que, em verdade, o Espírito do ex-marido voltara para retomar a sua atividade sexual interrompida pela morte.

As concepções psicanalistas merecem, evidentemente, o nosso respeito, considerando que há casos, sem dúvida, que a elas realmente se ajustam.

Mas, o que Eleonora estava sofrendo, sem embargo, era o sistemático assédio sexual do Espírito do seu ex-marido, transformando a vida da ex-mulher em um caos completo.

Cessada a causa, cessado o efeito. O Espírito J... finalmente, entendeu a sua situação, a situação de sua ex-esposa, e aquiesceu em ser levado, pelos mentores espirituais, para tratamento psicológico na dimensão imponderável. Eleonora, continuou a freqüentar a SOCEBA e, mais tarde, se casou. Teve dois filhos. “Será - indagou-me - que um desses dois meninos é J...?”.

“Não duvide” - E permitindo-me ser sentenciosos (parodiando Shakespeare) completei: “Há mais reajustes morais entre o Céu e a Terra do que sonha a nossa vã filosofia”.

Ainda na Sociedade de Cultura Espírita da Bahia - SOCEBA, tantos outros trabalhos foram desenvolvidos, sob a orientação bondosa, firme e inteligente dos Seres que hoje integram a equipe espiritual do TELMA. Diria, até, que não houve solução de continuidade, dada a similitude da metodologia àquela época empregada, que provocava tal como agora, reações adversas no contexto do próprio movimento espírita,

No mês de outubro de 1994, apareceu, no TELMA, um jovem, Francisco, de 17 anos, vítima de pênfigo bolhoso. Sua família já havia esgotado todos os recursos, tentando sustar o mal que o afligia. As suas mãos e os braços, assim como os pés e as pernas, estavam cobertos de bolhas, horríveis, enormes, de onde exsudava um líquido estranho. Francisco, após a doença, fechara-se em si mesmo e em sua casa, recusando-se a freqüentar a escola, a divertir-se, e alimentando idéias autôcidas. Levou-o, ao TELMA, o seu pai, vigilante de uma rede de supermercados da cidade do Salvador. No início do tratamento espiritual

(e como sempre acontece) Francisco experimentou um recrudescimento de seu cruel desconforto. As bolhas aumentaram. Mal conseguia dormir. Aconselharam-no a não ir mais ao Centro. Mas, o pai de Francisco já estava avisado de que os Espíritos que atormentavam o jovem iriam reagir; e a reação agravaria o estado de saúde do filho, causando um certo descrédito quanto à eficácia do tratamento...

Francisco continuou, determinado, a freqüentar o TELMA; os resultados não se fizeram esperar; as bolhas secaram e caíram, iniciando-se um processo de reconstituição de epiderme, para o espanto dos especialistas que cuidavam do caso. Não tentaram, ainda bem, atribuir a surpreendente melhora à natureza (!). Simplesmente não opinaram, preferindo aguardar o desfecho do caso. E o desfecho demonstrou que a medicina deveria libertar-se dos preconceitos a que se escravizou, negando a si mesma a oportunidade de desvendar alguns enigmas que, há muito tempo, a desafiam. Não foi sem motivo que Alexis Carrel⁴ declarou que a Medicina precisava se espiritualizar, isto é, admitir o Espírito, o Ser eterno que plasma, através do Perispírito (foco de energia em torno do Espírito), o corpo humano, considerado uma máquina perfeita, porém frágil e fatalmente perecível.

“O Organismo” - adverte com inusitada sabedoria o metapsiquista Gustave Geley - “não é o indivíduo, pelo contrário, não é mais do que a representação desse indivíduo: o complexo orgânico se nos oferece não como indivíduo completo, senão um produto ideoplástico do que há de

⁴ Alexis Carrel, fisiologista e cirurgião francês (1873-1944). Realizou experiência nos Estados Unidos da América do Norte sobre sutura de vasos sanguíneos, enxerto de tecidos e órgãos, e a sobrevivência das células retiradas do corpo. Publicou a obra “O Homem, este Desconhecido”, em 1936, e ganhou o Prêmio Nobel de Medicina em 1912.

essencial no indivíduo - um dinamopsiquismo superior que é o próprio indivíduo em sua essência”.

E conclui:

“O indivíduo, o Ser aparente, submetido ao nascimento e à morte, limitado em suas capacidades, efêmero em sua duração, não é o Ser real, mas tão só uma representação ilusória, atenuada e fragmentária: o Ser real, aprendendo pouco a pouco a conhecer o Universo, é a “centelha divina” a caminho de realizar a sua divindade, infinita em suas potencialidades criadora e eterna”.

VI

Ao tempo em que a equipe espiritual tratava de Francisco que se restabelecia completamente, bateram à Porta da Instituição um sem número de pessoas portadoras de variadas síndromes. Entre elas, chamava a atenção o problema apresentado por Roberto, jovem de família espírita. Levou-o ao TELMA sua mãe. Ela estava aflita, desesperada, chorosa: o filho apresentava um quadro identificado pelos médicos como de origem cancerígena: era um tumor de grande proporção no lado esquerdo do pescoço. O rapaz mal continha os seus temores, sentindo-se condenado, irremediavelmente, à morte. Estava de casamento marcado para o mês de janeiro de 1995.

Os trabalhos espirituais tiveram início, com o concurso de cinco médiuns da Instituição, sob minha direção, no plano corpóreo, evidentemente. Os Espíritos se comunicaram, à larga, vociferando, cheios de ódio e rancores. Eram velhos inimigos de épocas transatas, que, agindo sobre o psiquismo de Roberto, somatizavam o seu nefasto propósito!

O tratamento se prolongou por vários meses. As entidades obsessoras, a princípio irreduzíveis, começaram a dar sinais de capitulação. Pude ver, no fundo dos olhos de uma delas, a mais rancorosa do grupo, lampejos de profunda mágoa e de irreprimíveis ressentimentos. Aquela criatura, que parecia liderar aquela coorte de tresloucados Espíritos, deveria ter sofrido, numa existência passada, algum rude golpe moral, que a levou ao desespero e aos sorvedouros do ódio. Ela e seus comparsas eram tão necessitados de ajuda quanto a sua vítima. O trabalho, reiterado, em que prontificaram lances de exaltação e juras de eterna vingança, surtiu, graças a Deus, reconfortadores resultados.

Finalmente, os Espíritos, já esclarecidos, foram conduzidos às instâncias espirituais onde se põem em prática procedimentos psicológicos que visam reciclar Espíritos desse jaez, preparando-os para futuras e redentórias (re)encarnações.

Roberto, já curado (cessada a causa cessado o efeito...) casou-se, finalmente. Nove meses depois, após dificultosa gestação, nascia Paulinho. Algum tempo transcorrido, levaram-no ao TELMA para tomar passe. Eu mesmo assumi a abençoada tarefa. Enquanto pelos dedos de minhas mãos (que corriam, suavemente, pelo corpinho do recém-nascido) transitavam fluídos revitalizantes, vislumbrei, nos olhinhos azuis da criança, aquele lampejo de mágoa e de ressentimento que vira, antes, no fundo dos olhos do desafeto de Roberto...

VII

Um dos problemas de profunda repercussão moral é o aborto. A incidência, nesse particular, é alarmante no TELMA. Mulheres que chegaram a praticar (pasmem!) mais de vinte abortos! O assédio espiritual é terrível! Esses Espíritos atacam, violentos, sem escrúpulos; a

vingança é cruel, sem piedade. Levam os seus algozes ao desespero, e, não raro, a profundo desequilíbrio. As afecções uterinas dessa pertinaz obsessão, conduzem, constantemente, ao tratamento ginecológico. E um deus-nos-acuda! A idéia de ter um câncer, provoca desespero. Uma senhora, de meia-idade, chegou ao TELMA com diagnóstico de neoplasia maligna no útero.

A ultra-sonografia evidenciara a presença de enorme tumoração. A cirurgia era iminente. A assistida era a personificação do medo. O tratamento espiritual, revelou a prática, na juventude de dois abortos. Quem os revelou? Os próprios Espíritos agredidos, violentamente, em meio a uma enxurrada de maldições.

Ela, depois, tentou, balbuciante, justificar-se. Alegara que era jovem, e inexperiente. Ademais, seus pais, muito severos, se soubessem que estava grávida provavelmente aporia no olho da rua. Tudo contribuía, portanto, concluiu, para abortar, não uma, mas duas vezes seguidas, em pouco espaço de tempo. “Eu não tinha outra saída, o jeito foi fazer o que fiz!” E perguntou-me: “O que é que o senhor acha?” Que poderia, em verdade, responder àquela senhora? Lembrei-me, apenas, do magnífico ordenamento cristão: “O escândalo é necessário, mas ai de quem o provoque”. Dir-se-ia um paradoxo, algo contrário ao senso comum. Mas a verdade, é que não se pode burlar a lei, ainda que se pense estar coberto de razão, a razão concebida pelo homem, levando-se em conta a visão distorcida que tem da vida e do mundo.

A Ciência admite o Espírito e os seus atributos como resultado da fisiologia cerebral, e não exatamente como um ser autônomo, sobrevivente à falência da organização física, que ele próprio plasmou, utilizando-se do Perispírito. A matéria, em suas múltiplas e variadas

formas vitais, não é criação; porém, manifestação de vida!

Causa espanto o número cada vez maior de mulheres que chega à casa espírita, particularmente no TELMA, sofrendo processos obsessivos, às vezes irreversíveis, decorrente da prática abortiva. É um verdadeiro flagelo. Seria necessário uma sistemática e pública campanha sobre as conseqüências espirituais do aborto, através dos meios de comunicação de massa.

Por dois anos e meio dirigi, em nome do TELMA, um programa espírita, diário, na Rádio Clube de Salvador, AM, que alcançou surpreendente sucesso. Tratava, por uma hora, das 18 às 19 horas, de importantes aspectos da vida de relação, chamando a atenção dos ouvintes para as viciações, o suicídio, o aborto, etc. O programa era ao vivo, com a participação do público. Muitos ouvintes, que jamais pisaram os pés em um Centro Espírita, porque ouviram dizer, ao longo do tempo, que era reduto de ignorantes, mancomunados com os demônios, interessaram-se em conhecer, de *visit*, o trabalho que se realizava no TELMA. O programa foi suspenso em virtude do arrendamento da emissora a uma organização religiosa ecumênica. Tentei, insistentemente, manter o programa, mas todos os esforços nesse sentido foram em vão. Permitam-me os leitores a imodéstia, “Conversando Sobre Espiritismo”, C.S.E., foi o mais eficiente programa espírita levado ao ar por uma emissora de rádio no Estado da Bahia. Desde a suspensão do C.S.E. parece que as “forças ocultas” intervieram e, por mais que tentasse, as portas das emissoras de rádio AM e FM, em Salvador, se fecharam ainda mais, negando ao público os esclarecimentos que só a Doutrina Espírita pode oferecer, não apenas aos que atentam contra a própria vida ou eliminam a vida que vibra em seu próprio íntimo, mas a tantos quantos se encontram neste mundo de provas e expiações, em profundo desamparo moral, trilhando sedutores caminhos

abertos por facções religiosas, que objetivam apenas a conquista do poder, do poder temporal, à feitura daqueles indivíduos, da época de Jesus (o enérgico rabi da Galiléia), que entraram para a história da Humanidade com a pecha, atribuída pelo próprio Mestre, de “raça de víboras, hipócritas!”.

VIII

Além do trabalho de divulgação da Doutrina Espírita, com as palestras e edições de livros e monografias e as pesquisas, o TELMA mantém equipe de socorro espiritual a residências e hospitais. Nesse sentido, a seara é imensa, os trabalhadores de boa vontade são poucos e a maioria não tem tempo... São incontáveis os casos atendidos, no curso de tantos anos. Conheço praticamente todos as Unidades de Tratamento Intensivo dos hospitais e clínicas de Salvador, inclusive para crianças. Afirma-se que as crianças são indenes à obsessão. Não o são! Já tive oportunidade, a abençoada oportunidade, de realizar trabalhos de desobsessão em UTI destinada, especificamente, à criança, como por exemplo a do Hospital Português, de Salvador. Lá estava internada uma criança, neta de uma senhora que trabalhava no Fórum Ruy Barbosa da cidade do Salvador.

O seu desespero, diante do estado crítico da criança, comoveu a Dra. Perpétua, colega de trabalho, que lhe falou sobre a EAIS (Equipe Assistencial Irmã Sheila), mantida pelo Teatro Espírita Leopoldo Machado - TELMA. A aflitíssima avó, D. Lucineide, que já não sabia mas para quem apelar, concordou com a ida da equipe à beira do leito de dor da criança, então com nove meses de idade. Na sala de espera, os pais e parentes oravam. Ao chegar, esperavam-me D. Lucineide e a Dra, Perpétua. Os parentes e amigos olharam-me com desconfiança e

descrença. Tentei conversar com eles sobre os problemas gerados pela obsessão. Nunca ouviram falar, nem mesmo superficialmente, de obsessão. Para dizer a verdade, concordaram com a minha presença ali devido à insistência da avó.

Ela sentiu (depois me revelou), não sabia por que motivo, que a netinha seria curada, a despeito da descrença e rejeição de parte dos próprios pais e parentes. Eram de uma família influente e católica de Salvador. Um deles, por sinal, interpelou-me com uma certa agressividade, evidenciando a sua aversão ao Espiritismo, sem o conhecer, assim como procede a maioria das pessoas, condicionadas por informações capciosas. Perguntou-me, de chofre, se a criança, que está sendo assistida, iria sobreviver. Disse-lhe que os Espíritos, na medida do possível, envidariam todos os esforços para a consecução do desiderato. Ela sorriu, meneando a cabeça, demonstrando seu absoluto cepticismo. Por ela, certamente eu e os Espíritos estaríamos bem longe de sua sobrinha! Quando lhe falaram que iríamos visitar a criança, informou D. Lucineide, posteriormente, ela entrou em pânico, julgando que o “pessoal espírita” iria ao hospital com roupas aberrantes e com atabaques, levando ao ridículo uma família tão tradicional da sociedade baiana. Lembrei-me, na ocasião, de Ruy, o notável juriconsulto baiano, quando afirmou: “Nos Espíritos devastados pelo cepticismo facilmente se estabelece o desânimo da luta, resignação às misérias da servilidade. Mas as almas retemperadas pela crença zombam das ameaças, desafiam os obstáculos, triunfa dos perigos e aniquila as opressões”.

Ao entrar na UTI, levado por D. Lucineide, deparei-me com quadro terrível: dois Espíritos de má catadura assediavam a criança. Olharam-me com ódio. Pareceram-me Espíritos que cumpriam algum mandato, (vide a obra de minha autoria “A Obsessão e seus Mistérios”),

oriundos das mais comprometidas faixas vibracionais, assim como Kardec registrou na “Revue Spirite”, ao analisar o caso dos possessos de Morzine⁵. Acerquei-me do pequeno berço; silencioso e confiante em Jesus, orei, ao tempo em que ministrava passes sobre o corpinho exangüe da pequenina obsediada. Disfarçadamente, “recebi” um dos obsessores. Não sei se alguém, à volta, percebeu. Pouco me importava. Fiquei ali, por alguns momentos, sob o olhar atento e amoroso daquela valorosa senhora e de uma médica, especialista em endocrinologia, que iria examinar a criança, assim que eu me retirasse. Saí da UTI, com D. Lucineide, e, andando pelo corredor do hospital, ela quis saber quais as chances de sobrevivência da neta. Não sei como, confesso, mas uma força maior me fez dizer-lhe que, em 48 (quarenta e oito) horas, a menina estaria a salvo. Ela se comoveu até às lágrimas... Dois dias depois, efetivamente, a criança recebia alta, sem diagnóstico.

Sempre tenho notícias da criança através da Dra. Perpétua. Ela está crescendo forte e saudável...

Deve-se observar que o processo obsessivo está afeito a qualquer pessoa, independentemente de faixas etárias. No curso desses trinta anos

⁵ Na “Revue Spirite” de maio de 1863, Kardec registra os trâmites tenebrosos da obsessão, em grau último que se instalou, coletivamente especialmente, em jovens, na localidade francesa de Morzine. Eis o relato de um dos casos de que fora alvo uma adolescente: “O acesso começa por um soluço e movimento de deglutição, pela flexão e soerguimento alternativo da cabeça sobre o tronco (já lidei com este tipo de procedimento no TELMA); depois de várias contorções: “S...”, grita ela, eu sou o diabo... tu queres fazer-me deixar a moça (o Espírito se dirigia ao Dr. Chiara); eu não te temo... Vem!... há quatro anos que eu a domino: ela é minha, nela ficarei” - “Que fazes nesta moça?” - perguntou o Dr. Chiara - “Eu a atormento” - “E por que, infeliz, atormentas uma pessoa que não te fez nenhum mal?” - porque me puseram aqui para atormentá-la” - “És um celerado”. O Espírito, espumando de raiva, cobriu o médico de injúrias e imprecações. Mais tarde, a entidade, reiteradamente doutrinação, afastou-se deixando sua presa em paz.

trabalhando com mortos e vivos deparei-me com casos assombrosos de obsessão em crianças, até com poucos dias de nascidas. Vanessa, por exemplo, um bebê que se encontrava internada na UTI infantil do Hospital Santa Izabel, parecia que tinha os seus dias contados. Os pais, em desespero, não sabiam para quem mais recorrer. A ciência médica se via impotente diante do quadro patogênico apresentado por Vanessa. Uma amiga da família, Marina, que por sinal exercia sua faculdade mediúnica no TELMA, conversou comigo sobre o grave caso de Vanessa. No dia seguinte, à tardinha, lá estava eu ao lado da incubadora em que se encontrava a criança. Ao meu lado, Marina e uma enfermeira. Vanessa estava insone e inquieta.

Tentei entrar em contato telepático com aquele Espírito recém-chegado ao plano corpóreo. A tentativa, de início, não alcançou êxito. Com o passar do tempo, graças à intervenção indispensável dos Espíritos da EAIS, obtive sucesso. Ordenei, mentalmente, a Vanessa, que fechasse os olhos, induzindo-a ao sono. Ela lutou, por alguns instantes, e depois capitulou, isto é, rendeu-se à ação magnética por mim exercida, com o respaldo generoso das entidades superiores. Imediatamente, os Espíritos procederam ao tratamento em determinadas instâncias perispirituais, atingida pela ação nefasta dos obsessores. Estes, *a posteriori*, foram levados às sessões de desobsessões no TELMA. Em 24 horas, os médicos intensivistas deram alta a Vanessa.

Os pais quiseram saber o que, de fato, acontecera com a criança: em casos que tais, disse-lhes, costuma-se atribuir a recuperação dos pacientes à reação do organismo, à natureza... E evidente que os nossos mecanismos de defesa têm papel destacado no combate à ação deletéria dos microorganismos. Entretanto, continuei a lhes esclarecer, a etiologia é bem outra - é de fundo espiritual, suscitando sintomas que confundem

e desafiam os recursos médicos empregados. A terapia é uma só - a desobsessão, ou em casos menos graves, os passes e preces. Ela casos, porém, em que se deveria combinar o tratamento médico convencional à terapia espírita. A mais das vezes, este procedimento toma-se impraticável, para não dizer impossível, pela prevalência de preconceitos, quando se subestima a ação e eficiência da Medicina Espiritual.

E a Medicina Espiritual, cumpre assinalar, a bem da verdade, é especialmente refinada. Os Espíritos superiores que trabalham em processos de cura, adotam técnicas terapêuticas ainda desconhecidas da medicina humana. Eles podem, quando o caso requer, regenerar tecidos lesados por insidiosas moléstias, restituindo a vitalidade das células afetadas, que retornam, assim, às suas atividades normais no contexto da maquinaria somática.

Deve-se advertir que os médicos espirituais que ainda operam utilizando-se de instrumental da medicina terrena, ainda não conseguiram dominar as técnicas sofisticadas postas em prática pelos Espíritos superiores. E, durante as suas operações, adotam atitudes que raíam ao absurdos: cospem nas feridas abertas ou na incisões feitas com bisturi ou facas enferrujadas. E, em franco processo de irresponsável exibição (registrado em programas de TV), enfiam tesouras e outros instrumentos pelo nariz a dentro do paciente ou o espeta com longas agulhas. Em Salvador, viveu um médium através do qual o Espírito “Dr. Fritz” operava com um bocal de caneta...

Tais e especiosos procedimentos podem causar, nos leigos, espanto e até admiração. Mas, na realidade, depõem contra o grau de indimensionado desenvolvimento a que chegou a Medicina Espiritual.

IX

O que aconteceu com Felipe, o netinho de uma das médiuns do TELMA, assume impressionante dimensão. A criança chegou à instituição com diagnóstico um tanto quanto alarmante. Teria necessidade de submeter-se a urgente cirurgia no Hospital Sara Kubistschek, em Brasília. A criança, de meses, estava com as perninhas engessadas, o que, certamente, lhe causava sérios incômodos. O tratamento iniciou-se, enquanto os jovens pais e a avó providenciavam passagens e liberação de internamento no hospital de Brasília. O tempo transcorria, e a criança apresentava, sob a ação do tratamento espiritual, sensíveis melhoras. Finalmente, e devido ao estado de J completo restabelecimento do menino, cancelou-se a ida à Capital Federal. Ele estava sob ação nefasta de Espíritos obsessores que, na verdade, pretendiam atingir os pais. Era um caso de vingança, de cruel vingança, cujas raízes éticas se fixaram em passado remoto. Como sempre: cessada a causa, cessado o efeito. Demonstrei, às entidades, as graves conseqüências da atitude que assumiam diante da Lei de Deus. Felizmente, ao cabo de algumas sessões, elas demonstraram o intento de desistir do assédio à criança, ajustando-se, assim, aos luminosos ordenamentos divinos. De vez em quando os pais levam o menino, que já anda e fala, para tomar passe. Esta foi uma vitória não exatamente do bem sobre o mal, mas do bom senso, que, se prevalecesse entre os homens, as sociedades experimentariam as benesses da paz, da paz fecunda e duradoura, e não o estado pleno de tremendos conflitos. Daí as depressões, o medo, o vazio, a angústia, a ânsia, a agressividade, a loucura! Quantas e quantas vezes deparei-me com pessoas que reuniam em si mesmas, todos esses estados mórbidos. São criaturas auto-obsessivas, para quem a vida é uma tortura. Dormem se queixando e acordam se queixando. Jamais sorriem com desenvoltura.

Reclamam, enfim, de tudo e de todos. São propensas à auto-destruição. Lidar com assistidos dessa natureza é difícil, muito difícil. Vêm, não raras vezes, de longa dependência de medicações antidepressivas e intermináveis tratamentos psicológicos ou psicanalíticos. Querem, a todo o custo, curar-se, libertar-se de seus problemas, íntimos, de suas idéias fixas, mas pouco fazem, pessoalmente, para que isso aconteça.

Convido-as, peremptoriamente, a envidarem esforços no sentido de se libertarem desses monstros que elas mesmas criaram e alimentaram. Mostram-se impotentes, incapazes de enfrentar-se. Recorrem a práticas diversas, quando sentem que os métodos psicológicos ou psicanalíticos não se mostram eficientes. Participam de sessões de Yoga, meditação transcendental, etc. Sentem-se frustrados quando, após algum tempo, constatarem que continuam na mesma e aflitiva situação, uma vez que problemas morais só se resolvem com soluções morais. Alguém lhes fala do Espiritismo. A rejeição, de ordinário, é imediata. A idéia que fazem da Doutrina codificada por Allan Kardec é a pior possível. Julgam-na um substrato cultural. Coisa de ignorantes, etc. Há, porém, quem arrisque. Não custa nada tentar. Para quem está perdido... Aportam à Casa Espírita, de modo próprio, ou levado por parentes ou pessoas amigas. O primeiro contato do assistido com o pessoal da instituição é fundamental. No TELMA, por exemplo, não se faz entrevistas ou triagem. E o “batei e abrir-se-vos-á”, segundo a norma cristã. Constatei, ao longo dos anos, que o pessoal que faz entrevista, por mais apto que pareça, não consegue suportar as pressões decorrentes do contato com os assistidos traumatizados por pertinazes e duradouros processos obsessivos. É raro aquele que consegue ficar indene às influências sub-reptícias dos obsessores. Quantos desses abnegados trabalhadores não caíram, inadvertidamente, nas malhas da obsessão? Inúmeros! Que o digam os

mentores do TELMA! Mas, aquelas criaturas, presas de suas próprias perturbações, chegam depressivas, caladas, desconfiadas, ou exaltadas, nervosas, inquietas. Como recusar o atendimento espiritual a essa gente? Seria desumano, antifraterno. A propósito, lembro-me de um caso ocorrido há muitos anos, quando participava de uma reunião mediúnica fechada. Era uma noite de quarta-feira. A mesa, se concentravam os médiuns da casa. Os trabalhos estavam no começo. De repente, batem à porta, com inusitada insistência. O dirigente da sessão designou um dos médiuns para saber quem batia à porta com tamanha obstinação. Um médium levantou-se, percorreu, em passos lentos o longo corredor da velha casa, e abriu o postigo. Ouvi uma troca de palavras entre a médium e o inesperado visitante. De repente, o postigo foi fechado e a médium voltou a ocupar seu lugar à mesa. Dali em diante, não sabia por que razão, não me senti à vontade à mesa, aliás a sessão como um todo não parecia, nem de longe, com as que, naquela casa, estava acostumado a participar. Voltei a minha residência pensativo e intrigado. Ao chegar, telefonei para a médium, indagando-lhe sobre quem estivera batendo à porta do Centro naquela noite. Ela me respondeu que era um homem baixo, corpulento, que queria tomar um passe. Mostrava-se muito nervoso. Mas, a ordem da direção da Casa era de não permitir a presença de estranhos nas reuniões privativas. Ela, então, informou ao estranho que voltasse no dia seguinte, quando a reunião era pública. O tempo passou. Um dia, encontrei-me, na rua, com um velho amigo espírita. Conversa vai, conversa vem, perguntei-lhe sobre suas atividades espiritistas. Notei em sua fisionomia um quê de tristeza. Que aconteceu? Será que eu disse algo que o desagradou? Perguntei-lhe, diante da sua reação. “Não, Bernardo, você não disse nada que me desagradou. Acontece que não frequento mais o ambiente espírita” - E por quê? - quis saber - “Bem - prosseguiu - “depois do que aconteceu com meu irmão, fiquei profundamente decepcionado”.

- Seu irmão? - “Sim, o Jairo; ele, certa noite, bateu à porta de um centro espírita da Cidade, rogando ajuda. Recusaram-na, simplesmente, porque a reunião que se realizava, naquela oportunidade, era privativa. A ordem era não abrir a porta a estranhos”. - E o que aconteceu ao seu irmão? “Ele foi para casa e tentou o suicídio. Desferiu um tiro na cabeça. Salvou-se, mas, até hoje, é um homem inutilizado...”

Daí em diante, comprometi-me a acatar, à risca, o “batei e abrirem-vos-á”. Algum tempo depois, quando dirigia uma reunião com os médiuns do Grupo da Fraternidade Leopoldo Machado, de Salvador fundado por Elísio Dórea, bateram à porta. Era uma jovem, completamente bêbada. Mandei que entrasse. Alguns participantes não aprovaram a minha atitude, julgando-a insensata. Não lhes dei ouvidos. Ela rescendia a álcool. Procedi a uma desobsessão em regra. Quando terminou, após a manifestação de um rol de Espíritos viciados, a menina estava sóbria, como se não tivesse ingerido uma só gota de cachaça, sua bebida preferida, conforme confessou mais tarde. A partir daquele dia, ela nunca mais bebeu; tomou-se abstinência, passando a freqüentar o Centro, integrando-se mais tarde, à sua equipe de trabalhadores. Imaginem qual teria sido o seu destino se eu não lhe abrisse a porta e não lhe desse a oportunidade de reabilitação. Aliás, o mesmo procedimento é encontrado na “Revue Spirite”, fundada por Allan Kardec. E não poderia ser diferente, uma vez que o Codificador agia, sempre, em nome da caridade, da caridade sem burocracia, segundo preconiza o Mestre de Nazaré que, por sinal, realizava desobsessão à vista de todos, sem discriminação. Quanto a pensar que a manifestação de Espíritos, à vista do assistido, é traumatizante, eis o que registra na “Revue Spirite”, junho de 1865; página 160:

“(...) Alguns minutos bastaram para reconhecer a causa da moléstia

de Rosa. Era, com efeito, uma obsessão das mais terríveis. Tivemos muito trabalho para fazer o obsessor vir ao nosso chamado (atrair para o médium, assim como o fazemos no TELMA). Foi muito violento, respondeu algumas palavras descosidas e logo atirou-se (através do médium) com fúria sobre sua vítima, à qual deu uma crise violenta, logo acalmada pelo magnetizador.

“Na segunda sessão, poucos dias depois, pudemos por mais tempo reter o obsessor, que, entretanto, se mostrou cruel e rebelde para com sua vítima. A terceira evocação foi mais feliz: o obsessor conversou familiarmente conosco”.

X

O tratamento desobsessional no TELMA não difere do que vem narrado na “Revue Spirite”. O processo é o mesmo, sem tirar nem pôr, incluindo os resultados! E ainda dizem por aí que a metodologia da equipe do Teatro Espírita Leopoldo Machado é contrária ao que preconiza a Codificação. Maior constrangimento deve causar as esses críticos o método de Jesus que, literalmente, jogou Espíritos à lama onde chafurdam os porcos... Será que o Mestre não agiu com bondade e sabedoria?... Tudo isso não quer dizer que os obsessores devem ser execrados; não, em absoluto! Entretanto, são criaturas que, infelizmente, e em princípio, só entendem um tipo de linguagem compatibilizada com o seu absurdo procedimento, que é comum levar a sua presa ao desespero, à falência moral, à morte⁶. Considera-se, por outro lado, que o algoz do

⁶ Houve casos chegados ao TELMA, muito tardiamente. Os Espíritos, com o tempo, atingem uma fase no processo obsessional que Kardec classifica de subjugação - “é um envolvimento que produz a paralisação da vontade da vítima, fazendo-a agir malgrado seu. Esta se encontra, numa palavra, sob um verdadeiro jugo” (“O Livro dos Médiuns”). Um desses casos, o de um adolescente, o João, que chegou à instituição numa manhã de quinta-feira,

presente é a vítima do passado. A relação violenta estaria na proporção exata da ofensa.

O problema é que a visão que se tem da vida é eminentemente distorcida. Raros os que a analisam sob o prisma espiritual. As vezes, o que parece ser um problema é uma solução, e vice-versa. Houve um caso, no TELMA, que parece ilustrar a assertiva.

Levaram à instituição uma senhora que sofria de seriíssimo processo respiratório. Ela vivia, o tempo todo, atrelada a uma garrafa de oxigênio. O tratamento iniciou-se. Como de praxe, ela piorou. Os familiares ficaram apreensivos. Expliquei, em tempo hábil, que o recrudescimento do mal era previsto. O tempo correu. A assistida ia melhorando a olhos vistos, suscitando admiração e espanto, uma vez que o diagnóstico médico determinava a irreversibilidade da moléstia. Em determinado momento, porém, e para o meu espanto, os Espíritos sugeriram-me que o tratamento fosse suspenso. Não entendi o porquê da medida. Eles então explicaram: de acordo com os dados que colheram sobre aquele Espírito, o seu restabelecimento iria causar-lhe graves transtornos. Ao ver-se livre da garrafa de oxigênio, iria, fatalmente, proceder a um tipo de *modus vivendi* cujos resultados a comprometeriam, profundamente.

Parei o tratamento. Os companheiros não entenderam a minha atitude. Os familiares, muito menos. Criou-se um impasse. Reuni o grupo

trazido pelos parentes. Tiraram-no de um sanatório psiquiátrico, por insistência de um amigo da família, espírita convicto, que percebeu a insidiosa atuação de obsessores sobre o jovem. Mas, já era tarde, muito tarde, e João, no dia seguinte, desencarnou, não apenas em iunção do poderoso assédio das entidades das sombras, mas, também, segundo a própria família, porque não resistiu ao excesso de drogas.

e esclareci, à luz das ponderações espirituais, o meu procedimento, aparentemente injusto e antieconomico. Pouco tempo depois, a assistida desencarnou, livrando-se finalmente, daquela incômoda (mas necessária) garrafa de oxigênio! Ficou a lição, e que lição!

XI

O tratamento espiritual com doentes leucêmicos, cancerosos e tuberculosos tem alcançado, no TELMA, notáveis resultados, não apenas quanto a uma acentuada melhora do estado físico do assistido, mas, primordialmente, pela conscientização da sobrevivência do ser após a morte. Há alguns anos, um destacado artista plástico baiano, preocupado com a situação marginal do aidético, levou ao TELMA, alguns desses contaminados pelo HIV. Todos desencarnaram pouco tempo depois. Mas, tenho a certeza de que convictos da sobrevivência pessoal. No momento em que se avizinhava o grande momento, ou seja, o traslado da dimensão corpórea para a incorpórea, um dos que participaram das sessões de conscientização no TELMA surpreendeu a todos, à sua volta, declarando, em voz débil, mas audível, que não estava com medo. Sentia-se invadido por uma paz jamais experimentada. Despedia-se da vida material sem mágoas e ressentimento pela brutal discriminação de que fora vítima, por causa da doença. Compreendia que tudo deveria a si mesmo. Seria inútil procurar, ao longo de sua tumultuada existência, um bode expiatório. E assim, presa desse fecundo ente-de-razão, expirou; partiu para a dimensão do Espírito, levando consigo a certeza inquebrantável da Imortalidade!

Mas, como dizíamos linhas atrás, o tratamento espiritual com doentes cancerosos vem alcançando, no TELMA, resultados surpreendentes. Destaca-se, dentre outros, o caso de Rosalina, que

chegou à instituição presa da insidiosa moléstia. Ao longo do tratamento, a paciente sentia-se cada vez melhor; as dores, sempre intensas, controladas por medicamentos, diminuíram sensivelmente, a ponto de se abrandar a sua dosagem. O certo é que Rosalina, aos poucos, tornou-se uma pessoa jovial, cheia de esperança no futuro, passando a conviver no grupo espírita e na família com desenvoltura e descontração. Não mais se sentia “no corredor da morte”, isto é, irrevogavelmente condenada. Confessou-me ela que, às vezes, ficava um tanto revoltada com a sua situação de cancerosa. Dir-se-ia, pensava, que Deus queria castigá-la. Ela que tinha uma lilhinha para educar e bem encaminhar na vida, nesta vida plena de cruéis dissabores e de infelizes armadilhas morais. A verdade é que o estado de ânimo dos que aportam à casa espírita, considerada a última porta, é o pior possível.

Chegam cabisbaixos, profundamente desanimados, pessimistas, descrentes. Este foi o caso de Francisco, um jovem estudante de medicina. O seu problema era idêntico ao de Rosalina, com a diferença que esta era animada por inquebrantável vontade de viver, de superar o mal que a consumia. Francisco era a personificação do derrotismo. Tentei-lhe infundir alguma esperança. Nada! Ele se mantinha irredutível. Fora levado ao TELMA por sua genitora, que se mostrava, ao contrário do filho, confiante no trabalho dos Espíritos. Infelizmente, o jovem doente permaneceu, durante o tratamento espiritual, sempre hermetizado, fechado em si mesmo, como a desejar a morte, e ver-se livre, imaginava, de todos os seus sofrimentos. Além do mais, tomara-se surdo às explicações sobre a morte e o depois da morte. Enfim, Francisco era um caso, pelo menos em termos de tratamento espiritual, sem solução. E ele desencarnou. O desenlace aconteceu em sua residência, cercado do carinho e do amor da família. Não sei, evidentemente, os trâmites

paligenésicos daquele Espírito; entretanto, a doença, para ele, resolvia um grave problema. No fundo queria, antes mesmo de ser acometido pelo câncer, sair da vida pela porta ilusória e dolorosa do suicídio. Mas não tivera, até então, a coragem suficiente para cometer o tresloucado gesto. Com a doença, a coisa, por assim dizer, se resolveu. Estaria livre (é o que insensatamente pensava) da vida que ele detestava. Dizia, vez que outra, a sua mãe, que se sentia inadaptado à existência. Tinha a certeza, afirmava, que não pertencia a este mundo, estupidamente (palavras dele) injusto e violento, onde medravam as mais torpes viciações, etc. Era um Espírito que reencarnou, acredito, em busca de um mundo onde pudesse expressar sua íntima e poderosa sensibilidade. Mas, as oportunidades nesse sentido, não se lhe apresentaram. Tentara, com inusitada ênfase, enveredar-se pelos caminhos da música e da pintura. Conseguiu, até, passar para as telas os frutos de sua inspiração, feitas, porém, de macabras e terríveis figuras. Pareciam extraídas de relatos assombrosos de nefastos pesadelos. As pessoas, de modo especial os familiares, se sentiam angustiados diante dos quadros pintados por Francisco, que nem ao menos buscava interpretá-los. Pintava-os, simplesmente, ao correr das idéias e das imagens que iam aparecendo na sua tela mental, como a um filme, um filme de terror!

O interessante é que as cenas expostas nas telas do jovem pintor obedeciam a uma seqüência. Lembram, guardadas as devidas proporções, o Inferno de Dante. Na música, Francisco era, também, mórbido. As notas musicais que tirava do velho piano alemão, que pertencera a sua avó, eram soturnas, fúnebres, fantásticas. Em tudo isso deve-se admitir, refulgia prodigioso talento que, se fosse inteligentemente orientado, poderia alcançar notório sucesso. Mas ele se recusava a receber qualquer tipo de orientação. No seu velório, um de seus irmãos pôs no gravador

uma das músicas do desencarnado, gravada em sua casa, O ambiente do velório, que já estava “pesado”, atingiu um clímax vibracional opressivo, bem ao gosto, a bem da verdade, de Francisco.

Este ser com quem lidei por algum tempo, no TELMA, despertou-me a atenção. Fora uma das personalidades mais complexas que já tivera ensejo de contatar. Recordava-me, guardadas as devidas proporções, o velho e complexíssimo Franz Kafka, o extraordinário autor de “A Metamorfose”. Destino paradoxal o desse Espírito que traduziu, em suas obras, os conflitos que o consumiam. O pensamento Kafkiano confundeu-se, até certo ponto, com o pensamento do jovem e talentoso Francisco, em que prevalecia um quê de sentimento de culpa e de profunda solidão. Assim como Kafka, estranhamente Francisco buscou na doença uma espécie de castigo por um erro misterioso, enigmático, que ele, tanto quanto o próprio Kafka, ignoravam, proveniente de paligenésicos compromissos. Espíritos desse jaez são raros de se encontrar. E eu, não sei por que razão, tive a oportunidade de manter contato com um deles. Representam uma falange de criaturas extremamente talentosas, argutas, irônicas, que desprezam a vida e os seus semelhantes, enveredando por caminhos onde os fantasmas de tempos idos transitam, em ondas obscuras, absurdamente aflitos!

Leitura que Recomendamos

Quando o Amor veio à Terra – Djalma Motta Argollo

Jesus – O Mestre do Espírito – Carlos Bernardo Loureiro

Terapêutica de Emergência – Divaldo Franco

O Problema do Ser, do Destino e da Dor – Léon Denis

O Primado do Espírito – R. C. Romanelli

O Perfume do Evangelho – Clóvis Ramos

Bem-Aventurados os que Oram – Alberto de Souza Rocha

Pensamento e Vontade – Ernesto Bozzano

Boa Nova – Humberto de Campos (F. C. Xavier)

Mensagens de Luz – Saul Quadros

Estudos Espíritas – Joanna de Angelis (Divaldo Franco)